



VÍDEO-CARTAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NOS ANOS INICIAIS

Luz Mariana Blet 1
Nali Catarina Pedroso Nunes 2

VIDEOCARTAS COMO PRÁCTICA PEDAGÓGICA: una experiencia de educación audiovisual en los primeros años de la educación básica

Resumo:

Este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre o uso das vídeo-cartas como prática pedagógica no contexto da Educação Básica. A experiência foi desenvolvida com estudantes do 5º ano da Escola da Infância, em Florianópolis/SC, no âmbito do projeto de extensão Cine.edu/CAPES PROEXT-PG da Universidade Federal de Santa Catarina. A proposta articulou educação audiovisual, cultura digital e exploração do território por meio de atividades de observação, escuta, caminhadas pelo bairro, registro de imagens e sons e produção coletiva de vídeo-cartas. Metodologicamente, o trabalho fundamentou-se na sistematização reflexiva da experiência educativa, tomando como fontes de análise os registros de campo, as produções audiovisuais realizadas pelos estudantes e as observações construídas ao longo das oficinas. As atividades buscaram ampliar o repertório dos participantes em relação à linguagem audiovisual e estimular formas de expressão vinculadas às vivências cotidianas e ao contexto local. Os resultados indicam que a produção das vídeo-cartas favoreceu o protagonismo estudantil, a valorização dos conhecimentos sobre o território e o desenvolvimento de práticas colaborativas de criação. Além disso, a experiência evidenciou o potencial do audiovisual como linguagem capaz de promover processos de aprendizagem significativos, articulando sensibilização estética, comunicação e produção de conhecimento no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Audiovisual. Vídeo-Cartas. Educação Básica.

Resumen:

Este relato de experiencia tiene como objetivo reflexionar sobre el uso de las videocartas como práctica pedagógica en el contexto de la Educación Básica. La experiencia fue desarrollada con estudiantes de quinto grado de la Escola da Infância, en Florianópolis, Brasil, en el marco del proyecto de extensión Cine.edu/CAPES PROEXT-PG de la Universidade Federal de Santa Catarina. La propuesta articuló educación audiovisual, cultura digital y exploración del territorio mediante actividades de observación, escucha, recorridos por el barrio, registro de imágenes y sonidos, y producción colectiva de videocartas. Metodológicamente, el trabajo se fundamenta en la sistematización reflexiva de la experiencia educativa, tomando como fuentes de análisis los registros de campo, las producciones audiovisuales realizadas por los estudiantes y las observaciones construidas a lo largo de los talleres. Las actividades buscaron ampliar el repertorio de los participantes en relación con el lenguaje audiovisual y estimular formas de expresión vinculadas a las experiencias cotidianas y al contexto local. Los resultados indican que la producción de videocartas favoreció el protagonismo estudiantil, la valorización de los conocimientos sobre el territorio y el desarrollo de prácticas colaborativas de creación. Asimismo, la experiencia

1.Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). E-mail: luzmarianablet@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3216-5550>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

2.Professora da rede Municipal de Florianópolis (SC), Especialista em Mídias Aplicadas à Educação. E-mail: nali.nunes@prof.pmf.sc.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4328-6967>.

evidenció el potencial del audiovisual como lenguaje capaz de promover procesos de aprendizaje significativos, articulando sensibilización estética, comunicación y producción de conocimiento en el ámbito escolar.

Palabras-clave: Educación Audiovisual. Videocartas. Educación Básica.

1 INTRODUÇÃO

A presença crescente das tecnologias digitais e das mídias audiovisuais no cotidiano das crianças tem provocado transformações nas formas de comunicação, aprendizagem e produção de conhecimento. Nesse contexto, a escola é desafiada a desenvolver práticas pedagógicas que ultrapassem o uso instrumental das tecnologias, promovendo experiências que articulem expressão, criatividade, reflexão crítica e participação dos estudantes. Entre as diferentes possibilidades de trabalho com a cultura digital, a produção audiovisual destaca-se por permitir que crianças e jovens atuem não apenas como consumidores de conteúdos, mas também como autores de narrativas sobre suas vivências, territórios e modos de perceber o mundo.

A experiência relatada neste texto foi desenvolvida com estudantes do 5º ano da Escola da Infância, localizada em Florianópolis (SC), no âmbito do projeto de extensão Cine.edu3 – Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG/UFSC). A proposta integrou atividades de letramento digital e educação audiovisual por meio da produção de vídeo-cartas e paisagens sonoras sobre o bairro e os espaços vivenciados pelos estudantes.

A iniciativa surgiu da aproximação entre as atividades da disciplina de Letramento Digital e as ações desenvolvidas pelo projeto Cine.edu, que busca promover experiências de formação audiovisual em contextos educativos. A oficina foi conduzida pelas professoras Luz Mariana Blet e Nali Pedroso Nunes e contou com a participação do realizador audiovisual colombiano Rafael Enrique Sifontes, integrante do coletivo Cine Caribe, da região de La Guajira. A presença do convidado possibilitou estabelecer conexões entre a realidade local dos estudantes e experiências latino-americanas de cinema comunitário, ampliando as discussões sobre território, identidade e diversidade cultural.

A escola onde a atividade foi realizada caracteriza-se por atender uma comunidade marcada pela presença

de estudantes com diferentes origens regionais, nacionais e culturais, compondo um ambiente escolar diverso e plural. Em seu cotidiano convivem estudantes provenientes de diferentes regiões do Brasil e de outros países, entre eles Venezuela, Colômbia, Argentina e Rússia. Essa pluralidade cultural constitui uma importante oportunidade para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas ao diálogo intercultural, ao mesmo tempo em que expõe os desafios relacionados à convivência entre diferentes repertórios linguísticos, culturais e identitários.

Além desse contexto sociocultural, a instituição dispõe de infraestrutura tecnológica que favorece o desenvolvimento de atividades relacionadas à cultura digital, incluindo laboratório de informática, *tablets*, equipamentos de áudio e vídeo e espaços externos utilizados para atividades pedagógicas. A inserção da disciplina de Letramento Digital no currículo da rede municipal de Florianópolis reforçou a necessidade de desenvolver propostas que articulassem as competências previstas nos documentos curriculares com experiências significativas de criação e autoria.

Foi nesse cenário que se desenvolveu a oficina "Audiovisual, Territórios e Diálogos Interculturais", baseada na produção de narrativas audiovisuais, escuta ativa do ambiente escolar, registros fotográficos e sonoros e atividades de criação coletiva. A proposta tomou como ponto de partida o gênero carta, adaptado para o formato audiovisual, possibilitando que os estudantes apresentassem aspectos de seu cotidiano e de seu entorno a interlocutores de outros contextos culturais.

Este relato tem como objetivo refletir sobre a utilização das vídeo-cartas como prática pedagógica no contexto da Educação Básica, descrevendo o percurso metodológico da experiência e discutindo suas contribuições para a educação audiovisual, para a valorização dos territórios vividos pelos estudantes e para o fortalecimento de práticas de diálogo intercultural no ambiente escolar. A partir

3. Informações completas sobre o projeto podem ser acompanhadas pelo instagram <https://www.instagram.com/cine.edu.ufsc/> ou site <https://www.daraca1.com.br/cine-edu>.

da sistematização das atividades realizadas e das produções desenvolvidas pelos participantes, busca-se compartilhar possibilidades metodológicas que possam inspirar outras experiências de educação audiovisual em escolas públicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A experiência relatada neste trabalho está fundamentada em contribuições dos campos da mídia-educação, do cinema e educação e dos estudos sobre interculturalidade. Esses referenciais auxiliam na compreensão do audiovisual não apenas como recurso didático, mas como linguagem capaz de favorecer processos de expressão, criação, comunicação e produção de conhecimento no contexto escolar.

Nas últimas décadas, a crescente presença das mídias digitais na vida cotidiana tem ampliado o debate sobre a necessidade de desenvolver, na escola, práticas voltadas ao letramento midiático e à formação crítica dos estudantes. Para Kellner (2001), as mídias ocupam um papel central na produção de significados e identidades, tornando fundamental que os sujeitos desenvolvam capacidades para interpretar e questionar os discursos que circulam por meio delas. Nessa perspectiva, a educação deve ir além do domínio técnico das ferramentas digitais, promovendo também a leitura crítica e a produção de conteúdos.

No contexto brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reforça essa discussão ao incluir a Cultura Digital entre as competências gerais da Educação Básica, incentivando práticas que articulem autoria, colaboração, comunicação e uso crítico das tecnologias. Nesse sentido, propostas que envolvem a produção audiovisual possibilitam que os estudantes atuem como produtores de narrativas, explorando diferentes linguagens para expressar experiências e conhecimentos.

Em diálogo com essas perspectivas, a mídia-educação compreende as mídias simultaneamente como objeto de estudo, ferramenta pedagógica e espaço de criação. Segundo Fantin (2011), educar para e com as mídias implica desenvolver uma postura crítica e criativa diante dos processos comunicacionais contemporâneos. Mais do que consumir conteúdos, os estudantes são convidados a produzir suas próprias narrativas,

exercitando formas de participação e expressão cultural.

Entre as diversas linguagens presentes na cultura midiática, o audiovisual apresenta potencialidades específicas para o trabalho educativo. Conforme argumentam Fresquet (2013) e Migliorin (2015), o cinema na escola não deve ser compreendido apenas como instrumento de transmissão de conteúdos, mas como experiência estética capaz de mobilizar sensibilidades, ampliar repertórios culturais e estimular processos de criação. Ao produzir imagens e sons, os estudantes são levados a observar o mundo ao seu redor, fazer escolhas narrativas e construir modos próprios de representar a realidade.

No caso da presente experiência, a utilização das vídeo-cartas permitiu articular essas dimensões educativas do audiovisual. Ao combinar registros de imagens, sons, memórias e narrativas sobre o território, os estudantes foram convidados a produzir representações de seu cotidiano e compartilhá-las com interlocutores de outros contextos. Tal proposta aproxima-se das perspectivas que compreendem o audiovisual como prática de autoria e comunicação, favorecendo a construção de vínculos entre escola, comunidade e território.

Essa dimensão comunicativa também dialoga com as discussões sobre interculturalidade. Para Walsh (2007), a interculturalidade não se limita ao contato entre culturas diferentes, mas envolve a criação de espaços de diálogo, reconhecimento e troca entre distintos saberes e experiências. Em contextos escolares marcados pela diversidade cultural, linguística e migratória, práticas pedagógicas que valorizam as narrativas dos estudantes podem contribuir para o fortalecimento do respeito às diferenças e para a construção de relações mais horizontais.

Assim, a proposta de produção de vídeo-cartas desenvolvida nesta experiência buscou articular educação audiovisual, cultura digital e interculturalidade, criando oportunidades para que os estudantes observassem seus territórios, compartilhassem suas vivências e construíssem narrativas próprias sobre os lugares que habitam. A partir desses referenciais, o audiovisual é compreendido como uma linguagem capaz de promover aprendizagem, expressão e diálogo entre diferentes sujeitos e contextos culturais.

3 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e aplicada, fundamentado na sistematização reflexiva de uma prática pedagógica desenvolvida no contexto da Educação Básica. A proposta aproxima-se dos pressupostos da pesquisa reflexiva sobre a prática docente, na medida em que toma a experiência educativa como objeto de análise e reflexão, buscando compreender seus processos, desafios e potencialidades.

Nessa perspectiva, a investigação assume a reflexão e a pesquisa como um princípio cognitivo de compreensão da realidade e como um princípio formativo da docência, em consonância com as proposições de Pimenta (2005). Fundamenta-se na ideia de que o educador, ao analisar criticamente a sua atividade, promove a apropriação do seu próprio saber e se constitui, simultaneamente, como sujeito e objeto do processo vivenciado. Assim, a análise e a sistematização da prática pedagógica não se reduzem a uma descrição passiva dos fenômenos, mas configuram uma práxis que, ao partir da própria ação docente de forma refletida, teoricamente fundamentada e de caráter crítico-colaborativo, permite compreender os limites e as potencialidades do cotidiano escolar, gerando conhecimento sobre o ensinar na dimensão coletiva e contextualizada (Pimenta, 2005)

A experiência foi realizada na Escola da Infância, localizada em Florianópolis (SC), envolvendo estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental das turmas 52 e 54, com idades entre 10 e 12 anos. A atividade integrou o projeto de extensão Cine.edu – Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG/UFSC) e foi desenvolvida em parceria com a disciplina de Letramento Digital da escola.

A proposta pedagógica teve como eixo a produção de vídeo-cartas sobre o território vivido pelos estudantes. Inspirada em abordagens da mídia-educação e da educação audiovisual, a intervenção buscou promover experiências de observação, escuta, registro e criação, articulando tecnologias digitais, expressão audiovisual e reflexão sobre o cotidiano.

Embora este relato tenha como foco uma oficina específica intitulada "Audiovisual, Territórios e Diálogos

Interculturais", a atividade integrou um projeto pedagógico mais amplo desenvolvido ao longo de aproximadamente vinte encontros, que resultou na produção de vídeo-cartas coletivas sobre o bairro. A oficina contou com a participação do realizador audiovisual colombiano Rafael Enrique Sifontes, integrante do coletivo Cine Caribe, cuja trajetória no campo do cinema comunitário contribuiu para ampliar as discussões sobre território, cultura e formas de representação audiovisual.

As atividades foram organizadas em quatro momentos principais. Inicialmente, realizou-se uma roda de conversa para apresentação da proposta e compartilhamento de experiências relacionadas ao território e ao audiovisual. Em seguida, os estudantes participaram de exercícios de observação e escuta, incluindo a experimentação com equipamentos de registro de imagem e som. No terceiro momento, foram realizadas saídas pelos espaços da escola e do entorno para produção de fotografias, vídeos e paisagens sonoras. Por fim, os materiais produzidos serviram de base para discussões sobre os modos de representar o território e suas experiências cotidianas dando instrumentos para que, posteriormente, sejam produzidas as vídeo-cartas.

Para a sistematização da experiência foram utilizados registros de campo elaborados pelas professoras, registros audiovisuais produzidos durante as atividades e as próprias produções desenvolvidas pelos estudantes. Também foram consideradas observações e comentários compartilhados pelos participantes ao longo das oficinas.

A análise foi realizada de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar aspectos relacionados ao protagonismo estudantil, às formas de apropriação da linguagem audiovisual, à percepção do território e às possibilidades de diálogo intercultural mobilizadas pela experiência. O processo privilegiou a compreensão das aprendizagens construídas durante a intervenção e das contribuições do audiovisual como prática pedagógica no contexto escolar.

Todos os procedimentos respeitaram os princípios éticos relacionados à participação de crianças em atividades educativas e de pesquisa. A realização das oficinas e o uso dos registros produzidos contaram com autorização da instituição escolar e dos responsáveis

pelos estudantes, sendo preservada a identidade dos participantes ao longo do texto.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A oficina "Audiovisual, Territórios e Diálogos Interculturais" constituiu um momento significativo dentro do projeto "Video-cartas sobre o meu bairro", ao articular experiências de educação audiovisual, exploração do território e intercâmbio intercultural. A atividade reuniu aproximadamente 60 estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental e foi desenvolvida em parceria com o realizador audiovisual Rafael Enrique Sifontes, integrante do coletivo Cine Caribe, da Colômbia.

Mais do que uma ação isolada, a oficina integrou um processo pedagógico mais amplo voltado à produção de video-cartas sobre o território vivido pelos estudantes. Nesse sentido, os resultados observados não se restringem às atividades realizadas naquele encontro específico, mas dialogam com aprendizagens e reflexões construídas ao longo de todo o percurso desenvolvido pelas turmas.

4.1 AUDIOVISUAL E RECONHECIMENTO DOS TERRITÓRIOS

A primeira contribuição da oficina relaciona-se à ampliação das formas pelas quais os estudantes passaram a perceber e representar seus territórios. Desde o início do projeto, as atividades procuraram estimular a observação do bairro e da escola como espaços produtores de memórias, experiências e narrativas. Entretanto, o contato com produções audiovisuais realizadas em outros contextos latino-americanos contribuiu para deslocar o olhar dos estudantes sobre o cotidiano.

Durante a apresentação do trabalho desenvolvido por Rafael Sifontes na região de La Guajira, na Colômbia, os participantes tiveram acesso a narrativas construídas por sujeitos que retratavam seus próprios territórios a partir de perspectivas locais. Ao conhecerem essas produções, muitos estudantes passaram a perceber que elementos aparentemente banais de seu cotidiano também poderiam se tornar temas relevantes para uma narrativa audiovisual.

Essa mudança tornou-se evidente durante as etapas posteriores do projeto, quando os grupos começaram a planejar suas próprias video-cartas. Lugares frequentemente considerados comuns, como praças, parquinhos, mercados, praias, campos de futebol e trajetos cotidianos passaram a ser percebidos como espaços carregados de significado para o bairro. A experiência demonstrou que a produção audiovisual pode contribuir para a valorização dos territórios vivos, permitindo que os estudantes assumam uma posição ativa na construção de narrativas sobre os lugares que habitam.

O trabalho com paisagens sonoras também desempenhou papel importante nesse processo. Ao serem convidados a registrar sons que representassem a escola, os estudantes precisaram desenvolver uma escuta mais atenta do ambiente. Os registros realizados incluíram sons do refeitório, do recreio, da sala de informática, da água correndo nos lavatórios e até mesmo o som produzido por formigas alimentando-se de um pedaço de pão no gramado.

A diversidade dos registros apontou para as diferentes formas de percepção do espaço escolar. Enquanto alguns grupos privilegiaram sons associados à movimentação coletiva, outros concentraram-se em elementos discretos que normalmente passam despercebidos. Tal exercício permitiu compreender que o território não é constituído apenas por aquilo que se vê, mas também pelos sons, ritmos e relações que compõem a experiência cotidiana.

4.2 DIÁLOGO INTERCULTURAL E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

A dimensão intercultural constituiu um dos aspectos mais significativos da experiência. Inserida em um contexto escolar marcado pela diversidade cultural e linguística, a oficina promoveu situações de encontro e compartilhamento de experiências, possibilitando que os estudantes refletissem sobre diferenças, semelhanças e formas distintas de compreender e narrar o mundo.

Nesse contexto, a presença de Rafael Sifontes como convidado assumiu um papel importante. Ao compartilhar sua trajetória migratória e apresentar experiências desenvolvidas na Colômbia, o realizador possibilitou que os estudantes estabelecessem conexões entre diferentes realidades latino-

americanas. A utilização do espanhol durante a oficina, acompanhada de tradução, também contribuiu para despertar curiosidade em relação a outros idiomas e valorizar estudantes imigrantes presentes nas turmas.

Ao longo das conversas, surgiram relatos relacionados a experiências de migração, preconceito linguístico e discriminação. Em vez de aparecerem apenas como temas abstratos, essas questões foram discutidas a partir das vivências dos próprios participantes. O compartilhamento dessas experiências contribuiu para criar um ambiente de reconhecimento mútuo, no qual diferentes trajetórias puderam ser acolhidas e valorizadas.

Um exemplo significativo ocorreu durante a exibição de uma vídeo-carta produzida pelaicineira Luz Mariana Blet, que apresentava aspectos de sua trajetória e do território periférico onde reside em Florianópolis. Ao compartilharem esse material, alguns estudantes demonstraram surpresa ao perceber que a professora e pesquisadora responsável pela atividade também vivenciava experiências e desafios semelhantes aos presentes em seus próprios contextos. Esse reconhecimento contribuiu para aproximar universos que frequentemente aparecem como distantes no imaginário escolar, especialmente aqueles associados à universidade e à produção de conhecimento. A partir da exibição, surgiram relatos dos estudantes relacionados ao preconceito territorial, à discriminação religiosa e a experiências de exclusão, ampliando as reflexões sobre diversidade, pertencimento e reconhecimento social.

A fala de Miguel⁴, de 10 anos, evidencia como os estudantes relacionaram as narrativas apresentadas às suas próprias vivências. Ao assistir à vídeo-carta produzida por crianças do bairro Bendición de Dios, em Maicao, na Colômbia, o estudante destacou aspectos que chamaram sua atenção não pelas diferenças entre os contextos, mas pelas formas como as crianças organizavam seu cotidiano e encontravam maneiras de brincar e ocupar os espaços disponíveis.

Eu senti que eles tentam ficar felizes com o pouco que eles têm, lá na Colômbia, no lugar onde eles vivem. Eu gostei muito deste modo deles, que eles tentam ser felizes com pouco. E o que eu notei de parecido com onde eu moro, é que lá eles têm que se virar e eu também tenho que me virar, porque é

muito longe, os parquinhos de onde eu moro. (Miguel, 10 anos, estudante participante, registro de campo).

Ao mencionar que as crianças retratadas “tentam ser felizes com o pouco que têm” e que, assim como ele, “têm que se virar”, Miguel interpreta a experiência apresentada a partir de referências construídas em sua própria realidade. Sua fala sugere uma leitura sensível das condições vividas pelas crianças do vídeo, reconhecendo desafios e estratégias cotidianas que fazem sentido também em seu contexto. Mais do que uma comparação direta entre territórios, o depoimento revela como o contato com produções realizadas por outras crianças pode estimular processos de reflexão sobre o próprio cotidiano, ampliando a percepção dos estudantes acerca das diferentes formas de viver, brincar e construir pertencimento em distintos espaços sociais.

4.3 APRENDIZAGENS EM LINGUAGEM AUDIOVISUAL

A oficina também contribuiu para o desenvolvimento de conhecimentos relacionados à linguagem audiovisual. Embora a maioria dos estudantes estivesse familiarizada com o consumo de vídeos em plataformas digitais, muitos ainda não haviam participado de atividades voltadas à compreensão dos processos de construção das narrativas audiovisuais. A apresentação de conceitos básicos relacionados aos enquadramentos, tipos de planos e captação sonora permitiu introduzir elementos fundamentais da linguagem cinematográfica. Durante as atividades práticas, os estudantes passaram a experimentar diferentes formas de registrar imagens e sons, refletindo sobre como essas escolhas influenciam a construção de significados.

Após a realização da oficina, oicineiro reuniu os materiais produzidos pelos estudantes e elaborou dois produtos audiovisuais, um para cada turma, organizando as paisagens sonoras registradas ao longo da atividade. Esses vídeos articulam os sons e imagens captados pelos alunos com registros do próprio processo da oficina, incluindo momentos em que as crianças gravam, filmam e exploram os diferentes espaços da escola. Dessa forma, além de sintetizarem as produções realizadas, os materiais ressaltam o protagonismo dos estudantes na construção das narrativas audiovisuais. Após sua finalização, os vídeos foram apresentados aos próprios participantes, constituindo um momento

4. Nome fictício utilizado para preservar a identidade do estudante.

de retorno das produções ao grupo e possibilitando uma nova leitura da experiência, na qual os estudantes puderam se reconhecer como autores e refletir sobre as escolhas realizadas ao longo do processo.

As produções realizadas a partir das paisagens sonoras constituíram um primeiro exercício de apropriação da linguagem audiovisual, permitindo observar como os estudantes começaram a explorar possibilidades de articulação entre sons, imagens e sentidos. Em diferentes momentos, demonstraram preocupação com a composição das imagens, a seleção dos sons e a relação entre os elementos registrados. Ainda que em caráter introdutório, essas escolhas indicam uma compreensão crescente de que o audiovisual não constitui um simples registro da realidade, mas uma construção baseada em decisões narrativas e estéticas.

Os materiais audiovisuais produzidos permitem compreender não apenas os resultados finais, mas também os processos de experimentação, interação e construção coletiva vivenciados pelos estudantes. Nos vídeos, observa-se o protagonismo dos jovens em diferentes etapas da produção, desde a captação de sons e imagens até a composição das narrativas sobre o espaço escolar.

O vídeo da turma 52 incorpora uma breve entrevista com duas estudantes ao final do processo, nas quais elas relatam a experiência e destacam a exploração dos sons do ambiente, como vento, árvores e insetos, além de elementos pouco perceptíveis do cotidiano. Em seguida, o vídeo apresenta o processo de produção, com estudantes organizados em grupos e utilizando diferentes dispositivos na captação de imagens e sons, em registros que articulam práticas cotidianas e momentos de brincadeira.

Já o vídeo da turma 54 articula imagens do cotidiano escolar e do próprio processo da oficina, compondo uma paisagem sonora marcada por interações, ruídos do ambiente e experimentações com equipamentos. A montagem evidencia o caráter simultâneo e dinâmico das ações, incluindo cenas de exploração de enquadramentos e captação sonora em diferentes situações.

A montagem final, ao integrar os registros produzidos, evidencia a mediação dosicineiros e reforça o caráter coletivo do processo. Nesse sentido, os vídeos não se configuram como uma documentação direta da oficina,

mas como uma leitura construída sobre a experiência, cuja devolução ao grupo reforça a compreensão de que o audiovisual envolve escolhas, pontos de vista e decisões narrativas.

A análise dos materiais também revela um forte envolvimento dos estudantes com as atividades propostas. A utilização de equipamentos profissionais de captação sonora, associada ao uso dos *tablets* da escola, despertou curiosidade e incentivou a experimentação, ampliando o interesse em explorar diferentes recursos e possibilidades de expressão por meio das imagens e dos sons.

4.4 PROTAGONISMO ESTUDANTIL E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA

Os resultados observados apontam ainda para o fortalecimento do protagonismo estudantil ao longo do projeto. A proposta das vídeo-cartas exigiu que os estudantes tomassem decisões, negociassem ideias e trabalhassem coletivamente na construção das narrativas.

Nos primeiros encontros, eram frequentes os conflitos relacionados à formação dos grupos e à tomada de decisões. Divergências sobre temas, locais de gravação e divisão de tarefas surgiam constantemente. Entretanto, ao longo do processo, observou-se um desenvolvimento gradual das capacidades de diálogo, negociação e colaboração.

Ao mesmo tempo, a experiência também revelou desafios importantes. Entre eles, destacam-se as dificuldades relacionadas à inclusão plena de estudantes com diferentes perfis de participação e necessidades específicas. Em alguns momentos, foi necessário desenvolver estratégias adicionais para garantir que todos pudessem contribuir para as atividades de maneira significativa.

Outro desafio esteve relacionado ao próprio tempo disponível para a realização das atividades. A produção audiovisual envolve processos de planejamento, registro, revisão e edição que nem sempre se ajustam facilmente à dinâmica escolar. Isso exigiu adaptações constantes por parte das professoras e dos estudantes.

Apesar dessas dificuldades, a experiência demonstrou que a produção de vídeo-cartas constitui uma estratégia potente para integrar educação audiovisual,

cultura digital e valorização dos territórios. Ao produzir narrativas sobre seus bairros, registrar paisagens sonoras e dialogar com experiências de outros contextos culturais, os estudantes ampliaram suas formas de expressão e fortaleceram vínculos com os espaços que habitam.

Os resultados indicam que o audiovisual pode atuar como uma linguagem de mediação pedagógica capaz de articular aprendizagem, criação e diálogo intercultural. Ao longo da experiência, os estudantes foram convidados a observar seus territórios de forma mais atenta, compartilhar vivências e elaborar narrativas próprias sobre os espaços que habitam, mobilizando imagens e sons como formas de expressão e comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho demonstrou o potencial das vídeo-cartas como prática pedagógica capaz de articular educação audiovisual, cultura digital e reflexão sobre os territórios vividos pelos estudantes. Ao longo do projeto, a produção de imagens, sons e narrativas possibilitou que as crianças ampliassem suas formas de observar, interpretar e comunicar aspectos do cotidiano, assumindo um papel ativo na construção de conhecimentos e na elaboração de representações sobre os espaços que habitam.

A oficina "Audiovisual, Territórios e Diálogos Interculturais" contribuiu de maneira significativa para esse percurso ao introduzir elementos da linguagem audiovisual e propor experiências de escuta sensível por meio da produção de paisagens sonoras. As atividades favoreceram a valorização de diferentes formas de expressão e estimularam a percepção de que os territórios são constituídos não apenas por aspectos

físicos, mas também por memórias, relações, afetos e experiências compartilhadas.

Outro aspecto relevante refere-se às possibilidades de diálogo intercultural mobilizadas pela proposta. O contato com experiências audiovisuais produzidas em outros contextos latino-americanos e as discussões realizadas durante as oficinas permitiram que os estudantes estabelecessem relações entre diferentes realidades, reconhecendo tanto suas singularidades quanto elementos comuns presentes em distintas trajetórias e modos de vida. Nesse sentido, o audiovisual mostrou-se um importante mediador para a construção de espaços de escuta, troca e reconhecimento mútuo.

As reflexões apresentadas ao longo deste relato também apontam para a importância de compreender a educação audiovisual para além do domínio técnico de equipamentos e ferramentas digitais. A experiência sugere que processos de criação colaborativa podem favorecer aprendizagens relacionadas à autoria, à comunicação, à leitura crítica das mídias e à valorização dos saberes produzidos pelos próprios estudantes, contribuindo para uma participação mais ativa na cultura digital contemporânea.

A experiência aqui relatada busca contribuir para o debate sobre as potencialidades do audiovisual no contexto escolar, oferecendo subsídios para que iniciativas semelhantes sejam desenvolvidas e ressignificadas em diferentes realidades educativas. Os resultados observados indicam que vídeo-cartas, paisagens sonoras e outras formas de narrativa audiovisual constituem estratégias promissoras para aproximar estudantes de seus territórios e favorecer espaços de diálogo intercultural. Nesse horizonte, futuras experiências poderão aprofundar a compreensão sobre os impactos dessas práticas na formação dos estudantes e nas relações entre escola, comunidade e cultura digital.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Campinas: EDUSC, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento "otro" desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 47-62.